



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UNB
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL – UAB
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
CURSO DE PEDAGOGIA A DISTÂNCIA



CLENILCIA NUNES LOPES

**LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS DO 3º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL I: LIMITES E
POSSIBILIDADES.**

PROJETO 5- FASE II

BRASILÉIA – 2018

CLENILCIA NUNES LOPES

**LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS DO 3º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL I: LIMITES E
POSSIBILIDADES.**

PROJETO 5- FASE II

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Pedagogia pela Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB sob orientação do professor Dr. Francisco Thiago Silva.

BRASILÉIA – 2018

Ficha Catalográfica

LOPES, Clenilcia Nunes . Leitura e Escrita dos Alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I: Limites e Possibilidades, Brasília-Ac, Novembro de 2018. 44 páginas. Faculdade de Educação – FE, Universidade de Brasília – UnB. Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em Pedagogia.

FE/UnB-UAB

CLENILCIA NUNES LOPES

**LEITURA E ESCRITA DOS ALUNOS DO 3º ANO DO
ENSINO FUNDAMENTAL I: LIMITES E
POSSIBILIDADES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Brasília, sob orientação *do* Professor Dr. Francisco Thiago Silva.

_____ em 2018, com nota _____

Membros da Banca Avaliadora

Dra. Dr. Francisco Thiago Silva
Orientadora

Membro Interno

Membro Interno

Dedico este trabalho a Deus, que me deu saúde, sabedoria e iluminou meu caminho durante esta jornada, aos meus filhos, à minha mãe que com carinho e amor acreditaram e compartilharam do meu sonho.

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado saúde e força para superar as dificuldades. A esta universidade, seu corpo docente, direção administração que oportunizaram a janela que hoje vislumbro um horizonte superior.

Ao meu orientador, pelo suporte no pouco tempo que lhe coube, pelas suas correções e incentivos.

E a todos os colegas do curso que fizeram parte diretamente ou indiretamente na minha formação.

“O sucesso nasce do querer, da determinação e persistência em se chegar a um objetivo. Mesmo não atingindo o alvo, quem busca e vence obstáculos, no mínimo fará coisas admiráveis.”

(José de Alencar)

RESUMO

O presente trabalho aborda as dificuldades no desenvolvimento da leitura e da escrita numa turma do terceiro ano do ensino fundamental, demonstrando a importância de se adquirir diariamente hábitos saudáveis de leitura e escrita. Verifica-se a influência do processo de mediação do professor/educador, do papel ético e comprometido da família e da escola para que os educandos desenvolvam as habilidades de leitura e escrita na construção do ensino-aprendizagem. O objetivo geral é analisar reflexivamente o processo de leitura e escrita, pois através da leitura e da escrita adquirem-se saberes e conhecimentos sociais, culturais, valores e experiências com o mundo e com os outros. A leitura e a escrita são dois processos fundamentais para que o indivíduo construa seu próprio conhecimento e aprenda a exercer a sua cidadania de forma ética e democrática nos diversos contextos sociais. O objetivo específico é aprofundar o entendimento sobre as dificuldades encontradas no processo de leitura e escrita por parte de professores e alunos nos anos iniciais do ensino fundamental. O procedimento metodológico é de natureza qualitativa, desenvolvida através de pesquisa bibliográfica exploratória. Através dos resultados do assunto investigado, foi possível compreender, que há muitos desafios por parte da escola e dos educadores na busca de alfabetizar e letrar competentemente, como também, formar alunos leitores nos diversos contextos sociais. Nota-se ainda, que há como despertar o gosto e o prazer pela leitura/ escrita, caso, o professor/educador aja eticamente frente ao processo de ensino-aprendizagem e não desperdice obras literárias e estímulos na hora de praticar a leitura e a escrita.

Palavras – Chaves: Dificuldades de Aprendizagem, Leitura, Escrita, professor, aluno.

ABSTRACT

The present work addresses the difficulties in reading and writing development in a third year of elementary school, demonstrating the importance of acquiring healthy reading and writing habits daily. The influence of the process of mediation of the teacher / educator, the ethical and committed role of the family and the school is verified so that the students develop the skills of reading and writing in the construction of teaching-learning. The general objective is to reflect reflexively the process of reading and writing, as reading and writing acquire knowledge and social, cultural knowledge, values and experiences with the world and with others. Reading and writing are two fundamental processes for the individual to construct his own knowledge and learn to exercise his citizenship in an ethical and democratic way in the different social contexts. The specific objective is to deepen the understanding of the difficulties found in the process of reading and writing by teachers and students in the initial years of elementary education. The methodological procedure is qualitative in nature, developed through exploratory bibliographic research. Through the results of the subject investigated, it was possible to understand that there are many challenges on the part of the school and the educators in the quest to literate and teach competently, as well as to train students readers in the diverse social contexts. It is also noted that there is a way to awaken the taste and the pleasure by reading / writing, in case, the teacher / educator acts ethically in front of the teaching-learning process and does not waste literary works and stimuli when practicing reading and writing .

Key Words: Learning Difficulties, Reading, Writing, teacher, student.

SUMÁRIO

Memorial educativo.....	10
Introdução.....	13
Capitulo I- Conceituando Leitura e Escrita.....	16
Capitulo II- A Importância do Incentivo a Leitura para o Processo de Formação do Aluno.....	27
Capitulo III- Procedimento Metodologico.....	33
Considerações Finais.....	37
Referencias Bibliograficas.....	39
Anexos.....	41
Perspectiva Profissional.....	43

MEMORIAL EDUCATIVO

O objetivo desse documento é fazer um breve resumo de toda a vida acadêmica da pessoa. A própria palavra memorial relativiza com memórias.

Nasci no dia 13.12.1982, na cidade de Xapuri no Acre. Após 3 anos me mudei para o município de Brasília, distante apenas 75 quilômetros, aonde vivo até hoje. Fui criada no seio de uma família amorosa, cujos valores mais importantes eram o respeito ao próximo e a honestidade. Em Brasília a multicultural de então, brincava e estudava com crianças de vizinhos de diferentes classes sociais e etnias, e, assim, desde cedo aprendi a não julgar ninguém por sua condição social, religiosa ou étnica, mas pelo caráter e comportamento.

Aos sete anos de idade ingressei no Grupo Escolar na zona rural, onde estudei até a quarta série em escola pública. Foram meus primeiros passos para o mundo misterioso do saber acadêmico. Daí então parei de estudar e só recomecei a estudar depois de seis anos fora da sala de aula.

Como vim morar na cidade perdi minha transferência tive que começar meus estudos do início, e a partir daí não parei mais de estudar. Terminei o ensino médio e fiz o vestibular de pedagogia o qual estou fazendo hoje.

Ao longo do curso foi muito difícil, porém cheguei até aqui, tive que aprender a usar o computador, coisa que não tinha costume apenas sabia usar as redes sociais no telefone. Comecei o curso de Pedagogia em 2014, até aqui tive muitas dificuldades, como pouco tempo para estudar por causa dos filhos e do trabalho, também tenho dificuldades com a internet que é péssima. Às vezes, o tempo para entregar os trabalhos é curto porque temos outros trabalhos das outras disciplinas. Enfim mais isso não é o bastante para fazer desistir de um sonho de me formar, em Pedagogia.

Portanto, tive muita sorte de conseguir passar no vestibular, e fazer esse curso de Pedagogia, que em minha opinião é a melhor faculdade do Brasil. Estou muito feliz por ser umas das 50 pessoas a ter a grande sorte de ter passado nesse vestibular. Porém no início do curso de Pedagogia o qual estou fazendo, achei tudo muito difícil até cheguei a pensar que não ia conseguir, mais coloquei Deus em primeiro lugar. Hoje vejo que nada é impossível, gosto muito das disciplinas oferecidas pelo curso, cada dia busco me adaptar a elas.

Gostei muito do Projeto 4-estágios, estágios supervisionados, foi aí que pude ter noção do que é ser uma educadora. Amei todas as etapas dos estágios. Mais nada me

deixou mais feliz do que estagiar na creche. Foi lá na creche que me adaptei melhor. Amei o convívio com as crianças, na verdade foi nessa instituição que eu me encontrei.

Agora estamos na fase final do curso, caminhando para o TCC. Não vejo a hora de poder apresentar meu projeto e finalmente poder me orgulhar de ter realizado um sonho.

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, escolas vêm tentando desenvolver com os alunos dos anos iniciais atividades que possa desenvolver as competências e habilidades de leitura e de escrita, pois é indispensável para vivermos em um mundo onde o acesso à informação tem sido cada dia mais rápido, e nós enquanto cidadão participativo estamos cada dia mais exigentes. Entretanto, sabemos que a aquisição da leitura e da escrita é um processo complexo e que abrange várias competências e habilidades.

Todavia, o professor precisa ser conhecedor de como acontece o processo de aquisição da leitura e da escrita nessa modalidade de ensino, bem como compreender as dificuldades enfrentadas não só pelas crianças em adquiri-la, mas também pelo educador, quanto às condições oferecidas para que ele possa conduzir de maneira agradável e produtiva esse processo de aprendizagem.

Para tanto, o estudo, aqui, apresentado busca identificar as dificuldades na aquisição da leitura e da escrita dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal José Hassem Hall Filho, os quais apresentam significativas dificuldades de aprendizagem dessas habilidades e competências.

Para analisar as dificuldades na aquisição da leitura e da escrita dos alunos participantes deste estudo fez-se necessário identificar, em primeiro lugar, os fatores que estavam interferindo no processo de aprendizagem dos alunos, bem como identificar o acompanhamento dado pelas famílias deles no processo educacional.

Para fundamentar a análise dessas dificuldades de aprendizagem dos alunos e do acompanhamento das famílias no processo de aprender dos filhos, recorreremos ao estudo de textos publicados por autores que vem se dedicando a essa temática, a partir de livros impressos e de artigos disponibilizados na internet.

Para analisar os dados propriamente ditos, foi necessário desenvolver a coleta de dados apoiada na pesquisa qualitativa e descritiva a partir do estudo de caso em uma turma de 3º ano do ensino fundamental I com alunos que apresentam dificuldades para ler e escrever e estão com defasagem em idade/série. A turma escolhida foi uma das questões Integradas ao acompanhamento do Programa Mais Educação e atende aos alunos no contra turno.

No entanto, o estudo nessa turma despertou interesse a partir da realização do estágio o qual foi realizado na instituição acima citada, observar, portanto, as dificuldades de leitura e escrita foi o principal caminho para a realização do estudo aqui apresentado.

Os instrumentos escolhidos para coleta de dados foram: análise das atividades pedagógicas, ou seja, as atividades realizadas com os alunos que são atendidos em sala de aula e no contra turno com o programa “Mais Educação”, entrevista semiestruturada com a professora regente de sala bem como da professora que auxilia com o programa Mais Educação.

No entanto, para um enriquecimento do estudo, também será necessário conhecer como a família auxilia no processo de ensino aprendizagem das crianças, pois compreendemos que a família pode e deve auxiliar nesse processo, mas quando isso não acontece, reflete no aprendizado das crianças. Sabemos que atualmente a maioria de nossas crianças chega à escola com grandes dificuldades no processo de ler e escrever, o professor, portanto, precisa compreender o seu papel em relação ao desenvolvimento educacional do aluno, reconhecendo os avanços, contribuindo, assim, para uma aprendizagem significativa da leitura e da escrita.

Para tanto, o estudo, aqui, apresentado estabeleceu a seguinte pergunta de pesquisa: que dificuldades os alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I da Escola Municipal José Hassem Hall Filho apresentam em relação à leitura e à escrita? E como é feito o acompanhamento desses alunos pelas suas famílias sem relação ao processo educacional?

O estudo além de apresentar um embasamento teórico sobre a temática relacionada às dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita apresenta também o papel da escola e do professor neste processo, possibilitando conhecermos que práticas de leitura e de escrita estão sendo vivenciadas pelos alunos e a relação deles com essas práticas para compreender que dificuldades eles apresentam.

Partindo do pressuposto de que o domínio da leitura e da escrita são habilidades e competências imprescindíveis para a apropriação de novas aprendizagens, entende-se que ensinar a ler é um grande desafio para a escola e para o professor assegurar o acesso a textos de qualidade e ao mesmo tempo a variedade de textos que circulam na escola, na comunidade próxima aos alunos e nas situações de comunicação, traçando assim, um caminho que todos possam percorrer e tornarem-se cidadãos da cultura letrada de modo geral.

O interesse pelo tema surgiu da constatação de que muitos alunos fracassam na escola pela falta de apropriação da leitura e da escrita, e na escola investigada, notasse essa grande deficiência numa turma de terceiro ano. Acredita-se que esse problema ocorre devido à dificuldade de aprendizado dos alunos. No entanto, faz-se necessário compreender como se dar esse processo de transmissão dos conhecimentos por parte também do professorado. Para tanto, faz-se necessário, compreender o papel do professor diante das dificuldades dos alunos em relação à leitura e à escrita.

É possível constatar que esse tema é de profunda relevância, pois a partir de do diagnóstico preciso e da reflexão sobre o processo de aquisição da leitura e escrita desse grupo ficará mais fácil sugerir ações para excluir talvez o fantasma que nos circunda: que é o fracasso escolar.

Desta forma, conclui-se que muitos alunos apresentam grandes dificuldades nas séries iniciais do Ensino Fundamental com relação à leitura e à escrita e que essas dificuldades, se não detectadas e corrigidas acarretarão problemas no desempenho escolar e, conseqüentemente, no futuro desses alunos.

A falta de informação sobre as dificuldades da leitura nas escolas agrava a falta de preparo dos professores para que estes possam trabalhar adequadamente com os alunos que apresentam essa dificuldade. O estudo aqui apresentado, visa investigar como os professores lidam com as dificuldades de aprendizagem da leitura e escrita dos alunos.

Justifica-se a temática a partir do interesse em compreender como muitos alunos fracassaram na escola principalmente no processo de aquisição da leitura e da escrita, onde a maior dificuldade encontrada foi em uma turma do terceiro ano do ensino fundamental de uma escola pública.

Foi percebido durante o estágio, que algumas crianças não conseguiam identificar letras e sons e, escreviam conforme pronunciavam e ouviam. Por causa disso, acredita-se que esses problemas ocorreram por causa da dificuldade de aprendizagem dos alunos.

CAPITULO I- CONCEITUANDO LEITURA E ESCRITA

Definir leitura e escrita não consiste em tarefa fácil, pois ao contrário do que possam parecer, estas são habilidades e competências complexas e abrangentes. São vários os sentidos que podem ser atribuídos à leitura e à escrita, podendo estes, serem restritos ou amplos.

Em termos escolares, tanto a leitura quanto à escrita estão diretamente vinculadas à alfabetização, adquirindo deste modo caráter de aprendizagem formal. No sentido restrito, são encontradas definições simples tanto para a leitura como para a escrita. Conforme Ximenes (2000, p. 386), “escrita é a representação de palavras ou ideias por meio de letras ou sinais convencionais”. Portanto, a escrita constitui-se num sistema de intercomunicação humana por meio de signos visíveis, visuais, ou seja, é a representação de palavras ou ideias por letras ou sinais.

De acordo com a visão de Ximenes (2000), a leitura é o ato de percorrer percepção sobre algo que está escrito, decifrando e interpretando as palavras e o sentido do texto, constituindo aquisição da decodificação e interpretação dos símbolos alfabéticos e dos textos. No entanto, pesquisadores de renome tais como Ferreiro (1999) e Luiz Carlos Cagliari (2002), entre outros, já provaram através de seus pesquisas e estudos a complexidade que envolve ambos os processos. Tanto a leitura, quanto à escrita, consistem em atividades bastante intrínsecas. Nesta perspectiva, não há como falar de leitura sem falar de escrita ou vice-versa, pois segundo Cagliari (2002, p. 152) “a leitura é uma atividade ligada essencialmente à escrita”, assim o ato de decodificar um texto requer o entendimento também de codificá-lo através de várias linguagens.

É relevante ressaltar que a leitura e a escrita são atividades fundamentais para o desenvolvimento e formação de qualquer indivíduo, pois dentro e fora da escola e por toda vida, o domínio ou não de ambas facilitará ou não o crescimento intelectual. Já a leitura conforme Martins (1982) pode ser conceituada como sendo um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas que se dá a conhecer através de várias linguagens. Portanto a leitura e a escrita não se limitam, apenas, à decifração, à codificação e à decodificação de sinais gráficos. É muito mais do que isso, exige do indivíduo uma participação efetiva levando-o a construção do conhecimento.

A leitura e escrita são processos muito complexos e podem ocasionar muitas dificuldades para adquiri-las de forma competente, além disso, o processo de aquisição

da leitura e da escrita está vinculando a situações sociais e culturais, de maneira que elas não podem ser pensadas de forma abstrata, mas sempre associadas ao sujeito e às oportunidades de convívio com o mundo letrado.

O estudo do processo de aprendizagem e suas dificuldades devem ser analisados primeiramente com relação à realidade interna e externa do aluno, utilizando vários campos de conhecimento e de uma forma global para compreender as dificuldades apresentadas pelo sujeito em relação à leitura e à escrita.

Ferreiro e Ana Teberosky no livro “Psicogênese da Língua Escrita” (1999) despertaram a atenção dos professores ao destacar a construção de uma didática de alfabetização, concentrando suas pesquisas em mecanismos cognitivos relacionados à leitura e à escrita e comprovando a importante participação dos alunos na construção da linguagem escrita ao perceber que ele não apenas imita, mas reinventa a escrita.

As autoras Ferreiro e Teberosky (1999) destacam, ainda, que a interação dos alunos com o meio reveste-se de fundamental importância no processo de alfabetização, enfatizando que o trabalho de alfabetização não se restringe apenas à sala de aula, mas abrange vários setores, desde o seu desenvolvimento emocional e o ambiente social onde se encontra inserido, até a relação escola e sociedade.

Sabendo-se que a leitura e a escrita são consideradas dois processos que fazem parte do funcionamento verbal. Esses processos começam a se desenvolverem desde o nascimento dos alunos, desde que ele esteja dentro de um ambiente letrado e que interaja com este ambiente com a presença de livros, revistas, material gráfico para seu pleno desenvolvimento. É interessante que a família crie espaços para a criança participe de diversos atos de leitura em contextos significativos para ela, diariamente, em situações diferentes, com objetivos diferentes para o ato de ler e escrever. Ler para os pais ou para os irmãos um texto que já memorizou; escrever uma lista de compras para a mamãe, escrever o nome da família ou títulos das histórias e contos que conhece entre outras situações que sejam significativas e prazerosas que favorece essa aprendizagem.

1.2 COMPREENDENDO DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM

Apesar de serem encontradas terminologias diferenciadas dependendo do autor consultado, é comum também depararmos com termos como: distúrbios de

aprendizagem; problemas de aprendizagem; deficiência na aprendizagem e dificuldade de aprendizagem. Nesta pesquisa, adotamos o termo dificuldade de aprendizagem, abrangendo as demais.

Para Smith (2001), dificuldades de aprendizagem (D.A.) são “problemas neurológicos que afetam a capacidade do cérebro para entender, recordar ou comunicar informações” (pág. 97).

Considera-se que, tem-se estudado muito sobre o tema, mas as informações obtidas penetram no âmbito educacional de forma lenta. Assim, as dificuldades de aprendizagem referem-se não a um único distúrbio, mas a uma ampla gama de problemas que podem afetar qualquer área do desempenho escolar.

Smith (2001) compreende que dificuldades de aprendizagem raramente podem ser atribuídas a uma única causa, mas a muitos aspectos diferentes e podem prejudicar o funcionamento cerebral, até mesmo o ambiente doméstico pode contribuir para isso.

A aprendizagem e a construção do conhecimento sobre as dificuldades fazem parte das atividades escolares que deveriam acontecer de forma natural e espontânea e até de certa forma prazerosa e não como um fardo.

Contudo, o que se verifica é que muitos alunos apresentam dificuldades de aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental em relação à leitura e à escrita. Essas dificuldades, se não detectadas e trabalhadas acarretarão problemas no desempenho escolar e, conseqüentemente, no futuro desses alunos. Segundo Ferreira (1986), tudo aquilo que se passa com a criança no início de sua escolaridade é decisivo para toda a sua vida escolar. Acrescenta também a pesquisadora, que a criança não precisa chegar à escola, alfabetizada; é a escola que tem a obrigação social de alfabetizá-la.

A base do aprendizado é primordial para que não haja lacunas futuras no conhecimento gramatical. Erros ortográficos, por exemplo, poderão ocorrer se houver deficiências na assimilação de normas gramaticais.

Uma definição mais completa do termo alfabetizado é essencial para se avaliar os reais índices de analfabetismo no país e conseqüente a tomada de ação no setor da Educação.

Antes de 1940 era considerado alfabetizado aquele que declarasse saber ler e escrever, o que era interpretado como a capacidade de escrever o próprio nome; a partir de 1950 passou a considerar-se alfabetizado aquele capaz de escrever um bilhete simples, ou seja, capaz de não só ler e escrever, mas de já exercer uma prática de leitura e escrita; até o momento atual, em que os resultados do Censo têm sido frequentemente apresentados, sobretudo nos casos das Pesquisas Nacionais por Amostragem de Domicílios (PNADs), pelo critério de anos de escolarização, em função dos quais se caracteriza o nível de alfabetização funcional da população, ficando implícito nesse critério que, após alguns anos de aprendizagem escolar, o indivíduo terá não só aprendido a ler e escrever, mas também a fazer uso da leitura e da escrita, competência que damos o nome de letramento.

Verifica-se, assim, uma progressiva, embora cautelosa, extensão do conceito de alfabetização em direção ao conceito de letramento: do saber ler e escrever em direção ao ser capaz de fazer uso da leitura e da escrita.

1.3 DIFERENÇA ENTRE DIFICULDADE E TRANSTORNO DE APRENDIZAGEM

É essencial estabelecermos a importância da diferenciação entre o que é uma dificuldade de aprendizagem e o que é um quadro de Transtorno de Aprendizagem.

A criança com dificuldade de aprendizagem é aquela que apresenta bloqueios na aquisição do conhecimento, considerando o funcionamento não muito adequado da audição, da fala, da visão, do raciocínio e habilidades de leitura, escrita ou matemáticas e lógicas.

Essas dificuldades podem ter causas diversas ou ser uma combinação de vários fatores, tais como problemas anteriores à vida escolar, problemas familiares, emocionais ou déficits cognitivos, problemas na proposta pedagógica, capacitação do professor, entre outros.

Para Fonseca (1995), a criança com dificuldade de aprendizagem não deve ser rotulada como deficiente. Trata-se de uma criança normal que aprende de uma forma diferente, a qual apresenta uma discrepância entre o potencial atual e o potencial esperado.

O aluno com dificuldade de aprendizagem não pertence a nenhuma categoria de deficiência, não sendo sequer uma deficiência mental, pois possui um potencial cognitivo, precisando tão somente ser oportunizada à sua maneira de aprender. O risco está em não se detectar esses casos logo cedo para propiciar intervenções pedagógicas preventivas e necessárias nos momentos de aprendizagem.

Se esses casos não forem detectados logo cedo, a escola com o seu critério seletivo de rendimento pode influenciar e reforçar a falta de adaptação, culminando, muitas vezes, mais tarde, no atraso mental.

Na mesma linha de raciocínio, Soares (2005), observa que, exigir de todos os alunos a mesma atuação é um caminho improdutivo; cada um desenvolve capacidade de aprender de forma diferenciada e de lidar com o conhecimento.

Respeitar este ritmo para o ato de aprender é preservar o cérebro de uma possível sobrecarga que contribuiria para uma desintegração total do processo ensino-aprendizagem.

As dificuldades apresentadas por muitos alunos ao realizar uma tarefa na escola podem originar-se por problemas familiares, capacitação do professor ou mesmo inadequação na proposta pedagógica, não significando necessariamente um fenômeno biológico de transtorno de aprendizagem.

Dentre os transtornos, podemos destacar o transtorno de leitura, também conhecido como dislexia, caracterizada por uma dificuldade específica em compreender palavras escritas.

De acordo com a British Dyslexia Association a dislexia é:

Uma combinação de capacidades e dificuldades que afetam o processo de aprendizagem em uma ou mais das áreas de leitura, ortografia e escrita. Fraquezas concomitantes podem ser identificadas nas áreas de processamento da velocidade, memória de curto prazo, sequencialização, percepção auditiva e/ou visual, linguagem falada e habilidades motoras. Ela está particularmente relacionada ao domínio e uso da linguagem escrita, o que pode incluir notação alfabética, numérica e musical. (PEER, in FARRELL. 2008, p. 29)

Segundo Maria Irene MALUF Pedagoga especialista em Educação Especial e em Psicopedagogia e presidente da ABPp (Associação Brasileira de Psicopedagogia) a característica fundamental na dislexia é a dificuldade com relação a leitura:

A dislexia é caracterizada fundamentalmente pela presença de grande dificuldade para a aquisição da leitura, geralmente acompanhada por idêntica problemática em relação à escrita, quando não existe atraso cognitivo, problema psicológico ou deficiência sensorial que justifique tal transtorno. A maioria das crianças disléxicas sofre com os frequentes fracassos escolares, os quais geram o rebaixamento da auto-estima e, conseqüentemente, levam a

comportamentos que variam da apatia à agressividade, tornando a vida escolar e familiar muito desgastante. (MALUF.2008 disponível em [HTTP//www.partes.com.br/educa%CC3%A7%CC3%A3o/dislexia.asp](http://www.partes.com.br/educa%CC3%A7%CC3%A3o/dislexia.asp))

Trata-se de um transtorno específico das habilidades de leitura e está relacionado à idade mental, problemas de acuidade visual ou baixo nível de escolaridade.

Dentre os diversos motivos que podem condicionar uma escrita desse tipo, destacam-se:

Alterações na linguagem: o atraso na aquisição ou no desenvolvimento e utilização da linguagem e a pobreza de vocabulário podem facilitar os erros de escrita.

Erros na percepção, tanto visual quanto à auditiva: dificuldade para memorizar os esquemas gráficos ou para discriminar qualitativamente os fonemas.

Esse contexto da Leitura e Escrita é o mais amplo em que vive o sujeito. O contexto psicológico refere-se aos fatores envolvidos na organização familiar, ordem de nascimento dos filhos, nível de expectativa, etc., e as relações desses fatores são respostas como ansiedade, agressão, autoestima, atitudes de desatenção, isolamento, não concentração.

Já o contexto metodológico engloba o que é ensinado nas escolas e sua relação com valores como pertinência e significado, com o fator professor e com o processo de avaliação em suas várias acepções e modalidades.

Vale a pena ressaltar que em consequência do fracasso escolar, devido à inadequação para a aprendizagem, a criança é envolvida por sentimentos de inferioridade, frustração, e perturbação emocional, o que torna sua autoimagem anulada, principalmente se este sentimento já fora instalado no seu ambiente de origem. Se o clima dominante no lar é de tensões e preocupações constantes, provavelmente a criança se tornará uma criança tensa, com tendência a aumentar a proporção dos pequenos fracassos e preceitos próprios da contingência da vida humana. Se o clima é autoritário, onde os pais estão sempre certos e as crianças sempre erradas, a criança pode se tornar acovardada e submissa com professores, e dominadora, hostil com crianças mais jovens que ela, ou pode revoltar-se contra qualquer tipo de autoridade. Se o clima emocional do lar é acolhedor e permite a livre expressão emocional da criança, ela tenderá a reagir com seus sentimentos, positivos ou negativos, livremente.

Conforme Smith (2001) “As causas das dificuldades de aprendizagem são fundadas em fatores biológicos, sendo que estes podem ser divididos em quatro categorias:” (pág. 43)

Lesão cerebral: Qualquer dano causado ao cérebro durante a gestação, parto ou pós-parto, através de acidentes, hemorragias, tumores, meningite, exposição a substâncias químicas entre outros.

Alterações no desenvolvimento cerebral: Perturbação ocorrida em qualquer ponto do processo contínuo de ativação neural, ocasionando o não desenvolvimento normal de alguma parte do cérebro. Podemos citar como exemplo a dislexia, que consiste em sérias dificuldades de leitura e, conseqüentemente, de escrita, apesar da criança apresentar nível normal de inteligência. Geralmente a dislexia apresenta-se associada a outros distúrbios como dificuldade de memorização.

Desequilíbrios neuroquímicos: Dissonância entre os neurotransmissores (mensageiros químicos), causando a má comunicação entre as células cerebrais, acarretando prejuízo à capacidade de funcionamento do cérebro.

Hereditariedade: Herança genética, ou seja, transmissão de caracteres biológicos aos descendentes.

No entanto, seja qual for o fator biológico contribuinte para a dificuldade de aprendizagem, o ambiente mostra-se como fator decisivo, podendo facilitar ou complicar o quadro do portador da mesma. “Embora supostamente as dificuldades de aprendizagem tenham uma base biológica, com frequência é o ambiente da criança que determina a gravidade do impacto da dificuldade”. (SMITH, 2001, p. 20). O ambiente escolar, familiar e social exerce influência direta não só no comportamento das crianças como também em suas atitudes e posturas diante dos problemas.

As condições em casa e na escola, na verdade, podem fazer a diferença entre uma leve deficiência e um problema verdadeiramente incapacitante.

Morais (2002) afirma que para aprender a ler e escrever são necessárias habilidades ou pré-requisitos que devem ser trabalhados no período pré-escolar, o que muitas vezes não acontece adequadamente.

Por isso, o ideal é que quando se percebe que as dificuldades de aprendizagem que a criança apresenta são oriundas ou ampliadas por um método de ensino que não está adaptado à criança, propõe-se uma mudança metodológica para facilitar o processo de aprendizagem.

Ao abordar os fatores emocionais, Morais (2002) deixa clara a dificuldade de se estabelecer com precisão, quando o transtorno emocional precede as dificuldades de aprendizagem, ou quando é a própria causa das mesmas. Para se chegar a esta conclusão, é necessário um estudo detalhado da personalidade da criança e de seu comportamento, assim como da dinâmica familiar e social, na qual ela se encontra inserido.

Devido à complexidade causal das dificuldades de aprendizagem muitas vezes sendo resultado da combinação de vários fatores, fica nítida a dificuldade de diagnóstico certo.

Por isso, deve ficar claro que, a aprendizagem da leitura e da escrita é um processo complexo que envolve vários sistemas e habilidades (linguísticas, perceptuais, motoras, cognitivas) e, não se pode esperar, portanto, que um determinado fator seja o único responsável pela dificuldade para aprender.

Dificuldade de aprendizagem é um assunto vivenciado diariamente por educadores em sala de aula e que desperta a atenção para a existência de crianças que frequentam a escola e apresentam problemas de aprendizagem.

Por muitos anos, tais crianças têm sido ignoradas, mal diagnosticadas e maltratadas. A dificuldade de aprendizagem vem frustrando a maior parte dos educadores, pois na maioria das vezes não encontram solução para esse problema.

Corrêa (2001) ressalta que "pesquisas sobre as representações que os professores têm do fracasso escolar denunciam que eles estão convencidos de que o problema é do aluno e da sua família", desviando toda a provável deficiência do professor e da entidade de ensino para os problemas de fatores externos à escola. Assim, as dificuldades de aprendizagem devem ser levadas em conta, não como fracassos, mas como desafios e serem enfrentados dando oportunidade aos alunos de serem independentes e de reconstruírem-se enquanto seres humanos.

1.4 A DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM NO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LEITURA E ESCRITA

A aprendizagem e a construção do conhecimento que fazem parte das atividades escolares deveriam acontecer de forma natural e espontânea e até de certa forma prazerosa e não como um fardo.

Contudo, o que se verifica é que muitos alunos apresentam grandes dificuldades nas séries iniciais do Ensino Fundamental com relação à leitura e à escrita e muitas vezes

essas dificuldades acarretam atrasos na vida escolar dos alunos por não serem identificadas.

De acordo com Coelho (1991), as dificuldades de aprendizagem no processo de aquisição da leitura podem ser divididas em quatro categorias:

Dificuldade na leitura oral: Devido à percepção visual e ou auditiva alterada, a criança recebe informações cerebrais distorcidas e frequentemente troca, confunde, acrescenta ou omite letras e palavras.

Dificuldade na leitura silenciosa: Devido à distorção visual a criança apresenta lentidão e dispersão na leitura, perdendo-se no texto e repetindo palavras ou mesmo frases e linhas inteiras.

Dificuldade na compreensão da leitura: Devido à deficiência de vocabulário e a pouca habilidade reflexiva, a criança apresenta sérios obstáculos em entender o que está escrito.

Dislexia: dificuldade com a identificação dos símbolos gráficos desde o início da alfabetização, acarretando fracassos futuros na leitura e escrita.

Já quanto à dificuldade de aprendizagem no processo de aquisição da escrita, encontramos a disgrafia, a disortografia e os erros de formulação e sintaxe.

Disgrafia: Falta de habilidade motora para transpor através da escrita o que captou no plano visual ou mental, a criança apresenta lentidão no traçado e letras ilegíveis.

Disortografia: Incapacidade para transcrever corretamente a linguagem oral; caracteriza-se pelas trocas ortográficas e confusões com as letras.

De acordo com Smolka:

... para a alfabetização ter sentido e ser um processo interativo, a escola tem que trabalhar com o contexto da criança, com histórias e com intervenções das próprias crianças que podem aglutinar, contrair, “engolir” palavras, desde que essas palavras ou histórias façam algum sentido para elas. Os “erros” das crianças podem ser trabalhados. Ao contrário do que a maioria das escolas pensam, esses “erros” demonstram uma construção, e com o tempo vão diminuindo, pois às crianças começam a se preocupar com outras coisas (como ortografia) com que não se preocupavam antes, pois estavam apenas descobrindo a escrita. (SMOLKA, 1996, p. 72)

Erros de formulação e sintaxe: Apesar de ler fluentemente, apresentar oralidade perfeita, copiar e compreender textos, a criança apresenta grande dificuldade para elaborar sua própria escrita. Geralmente omite palavras, ordena confusamente as palavras, usa incorretamente verbos e pronomes e utiliza a pontuação de forma inadequada.

1.5 O PAPEL DA ESCOLA E DO PROFESSOR DIANTE DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

O papel do professor no processo de aprendizagem é indiscutivelmente decisivo, suas atitudes, concepções e intervenções, serão fatores determinantes no sucesso ou fracasso escolar de seus alunos.

Já o educando quando chega à escola traz consigo um grande número de experiências que não devem ser ignoradas pelo professor, pois mesmo antes de ingressar na escola a criança já possui inúmeras vivências que podem servir como ponto de partida para uma aprendizagem significativa.

O professor e escola devem aliar-se a tríade: experiências vividas, conhecimentos prévios e materiais diversos, resultando na aprendizagem significativa. A escola, enquanto espaço de promoção do saber tem a função de proporcionar momentos de dúvidas e descobertas. Já o educador, enquanto mediador da aprendizagem tem, como uma de suas funções, investigar a dúvida, provocar o educando para a indagação do que anseia aprender e mostrar-lhe que há várias fontes de saber (TAVARES, 1996). Também neste contexto é importante dizer que: o professor deve ajudar aos alunos a estabelecer relações entre o que já aprenderam e o que estão aprendendo, criando em sala de aula um ambiente favorável à troca de ideias.

O professor deve sempre despertar o interesse do aluno pela leitura e escrita. Assim, uma metodologia eficaz no processo ensino aprendizagem são os jogos e brincadeiras que não podem ser considerados apenas como uma forma de divertimento, mas sim, como meios que contribuem e enriquecem o desenvolvimento da aprendizagem, considerando que para manter o equilíbrio com seu mundo, a criança precisa brincar, jogar, criar e inventar, neste sentido, o jogo organizado constitui o melhor método para inculcar princípios, normas e estabelecer padrões de desenvolvimento e aprendizagem.

Segundo, MIRANDA (1990), as atividades lúdicas podem desenvolver diversas habilidades e atitudes interessantes no processo educacional.

Trabalhar com alunos valorizando suas habilidades e seus interesses é, sobretudo trabalhar com respeito, tornando-se assim num ambiente propício para a proliferação da aprendizagem. Por conseguinte, despertar o interesse no aluno requer mais do que artificios e argumentos. Requer uma atitude presente no verdadeiro educador, o amor, para a interação do processo ensino-aprendizagem.

CAPITULO II- A IMPORTÂNCIA DO INCENTIVO À LEITURA PARA O PROCESSO DE FORMAÇÃO DO ALUNO

O ato de ler faz com que o indivíduo leitor tenha respostas para o mundo e para o que está acontecendo ao seu redor. Quando uma pessoa lê, ela passa a ter uma nova opinião sobre o tema lido, desde política até assuntos relacionados à culinária. Desta forma, se a criança é estimulada a ler desde pequena ela com certeza será um adulto questionador e crítico, assim, o indivíduo que não lê não terá base literária e experiências para formar opinião sobre qualquer assunto. Segundo Grossi, 2008,

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela

sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade. (pag. 03)

A leitura proporciona a descoberta de um mundo novo e fascinante. Para tanto, a apresentação da leitura para as crianças deve ser feita de uma maneira diferenciada e atrativa, para que assim elas possam ter uma visão prazerosa a respeito do ato de ler, de modo que seja um prazer e um hábito que ela acrescentará em sua vida sem que seja visto como algo obrigatório e enfadonho.

A leitura tem o poder de desenvolver a capacidade intelectual e crítica das pessoas, devendo assim, fazer parte do seu dia a dia e desenvolver a criatividade em relação ao seu próprio meio e o meio externo.

Quando a criança é incentivada a ler, ela se torna ativa e está sempre disposta a desenvolver novas habilidades, querendo sempre mais. Ao contrário das crianças que não têm acesso à leitura, pois ela se prende apenas dentro de si mesma com medo do desconhecido. “A leitura, como andar, só pode ser denominada depois de um longo processo de crescimento e aprendizado.” (BACHA, 1975).

Para tornar o mundo um lugar melhor é necessário que se integre uma política de incentivo à leitura e a inclusão de novos leitores à educação. Pois, somente através do incentivo à leitura é que serão conquistados resultados efetivos para a educação.

[...] é fundamental que as políticas de incentivo à leitura se descolem da mera organização de feiras ou da criação de bibliotecas e salas de leitura. O mais urgente é investir em material humano, com a formação de mediadores e bibliotecários capazes de semear o prazer da leitura por todo o país. Mediadores são os instrumentos mais eficientes para fazer da leitura uma prática social mais difundida e aproveitada. (LINARD; LIMA, 2008, p.09)

A leitura na infância é uma descoberta de sentimentos e palavras que conduz o leitor a desenvolver o seu intelectual, a sua personalidade e a aumentar substancialmente a sua capacidade crítica. O ato de ler estimula o imaginário e dá a possibilidade de responder as dúvidas em relação às milhares de questões que surgem no decorrer da vida, possibilitando o surgimento de novas ideias e o despertar da curiosidade do leitor, fazendo assim com que ele sempre queira mais, e não se contente com o básico.

Uma das formas de incentivar as crianças a lerem é apresentá-las a livros que estimulem o hábito de ler pelo prazer. A partir daí elenca-se diversas vantagens, como a de que elas conheçam mundos novos e realidades diferentes para que, desta forma, elas possam construir sua própria linguagem, oralidade, valores, sentimentos e ideias, essas tais, que a criança levará para o resto da vida.

O livro leva a criança a desenvolver a criatividade, a sensibilidade, a sociabilidade, o senso crítico, a imaginação criadora, e algo fundamental, o livro leva a criança a aprender o português. É lendo que se aprende a ler, a escrever e interpretar. É por meio do texto literário (poesia ou prosa) que ela vai desenvolver o plano das ideias e entender a gramática, suporte técnico da linguagem. Estudá-la, desconhecendo as estruturas poético-literárias da leitura, é como aprender a ler, escrever e interpretar, e não aprender a pensar. (PRADO, 1996, p. 19-20)

O gostar de ler é construído em um processo que é individual e social ao mesmo tempo, pois ouvir histórias é pra quem sabe e também para aquele que não sabe ler. O professor deve entender e compreender as dificuldades particulares de cada aluno, e deve, ao mesmo tempo, estimulá-los a produzirem e ouvirem textos, para que assim ele possa desenvolver suas competências e habilidades, estimulando a leitura como um processo de libertação da criatividade e da reflexão crítica do cidadão.

Então, a leitura é fundamental e necessária para a criação de um indivíduo crítico, apto para discutir seus pontos de vista, por estar preparado e equipado com uma carga intelectual, superior a outro indivíduo que não obteve a mesma carga literária.

“Crítica é um juízo apreciativo, seja do ponto de vista estético (obra de arte), seja do ponto de vista lógico (raciocínio), seja do ponto de vista intelectual (filosófico ou científico).” (JAPIASSU, 1991)

É importante ler textos, não somente os escritos, mas também aqueles que estão sujeitos a uma interpretação pessoal, como os símbolos, uma figura, um desenho, e saber o que aquilo está transmitindo.

Sabemos que existem vários tipos de textos, que nos deparamos no dia a dia, textos longos e breves, sempre com o objetivo de transmitir uma mensagem, uma ideia. Existem textos que nos deixam desestimulados, pelo conteúdo extenso, e um contexto distante de nossa realidade, como leitores.

Em relação aos tipos de textos para fins didáticos podemos classificar os textos em práticos, informativos ou literários e extra verbais, sendo que os três primeiros grupos foram introduzidos, por Landsmann. Essa classificação segundo ela tem o objetivo de facilitar o trabalho que teve o aluno a produzir e sistematizar conhecimentos. (NASPOLINE, 1996, p. 39)

A leitura é, foi e sempre será uma parte fundamental para a vida em sociedade. Ler é muito mais do que decifrar códigos ou reconhecer as letras e formar palavras, ler é dar sentido às palavras e aplicar o que se lê a própria vida, para que assim, seja possível agregar conhecimentos. Para cada finalidade na vida existe um tipo de leitura específico.

2.1 ESTRATÉGIAS DA LEITURA NA ESCOLA

A leitura se faz presente na vida do indivíduo a partir do momento em que ele está apto a decifrar e compreender o mundo em que está inserido. No anseio de interpretar os acontecimentos ao seu redor e contextualizar com a sua vida, o indivíduo estará formando um tipo de leitura, mesmo inconscientemente.

Segundo Freire (2008), “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente”. Essa citação sintetiza que a leitura gráfica, ou seja, dos livros, revistas, jornais é precedida pela leitura da vida. Cada ser humano tem vivências e experiências diferenciadas, portanto, cada um tem uma forma de interpretar uma determinada situação, conforme os padrões da construção de ideias em que o mesmo foi inserido.

Afirma Maria Helena Martins (1986), “Enfim, dizem os pesquisadores da linguagem, em crescente convicção: aprendemos a ler lendo. Eu diria vivendo”. É evidente tanto para Martins (1986) quanto para Freire (2008) que viver precede a leitura, cada pessoa tem suas experiências individuais, e ao ler, muitos se identificam na forma escrita da leitura.

Assim, a escola tem o dever de fornecer a continuidade ao desenvolvimento da leitura, tanto da leitura de mundo quando à escrita, ao indivíduo. Ela tem o papel de formar um cidadão crítico, envolvido com as causas sociais e cientes do mundo ao seu redor.

A instituição escolar como parte fundamental da formação leitora do aluno deve dispor de uma estrutura de qualidade; livros atuais e em bom estado de uso, usufruir de uma infraestrutura sólida, com ambientes bem projetados e bibliotecas conservadas. Conforme Freire (2008): “A compreensão crítica da alfabetização, que envolve a compreensão igualmente crítica da leitura, demanda a compreensão crítica da biblioteca”. Assim, quando a escola investe na biblioteca, tanto na parte física, disponibilizando um ambiente confortável onde o aluno se sinta bem e incentivado a ler um livro tranquilamente, quanto na parte motivacional, exercendo e empregando a cultura da leitura, onde os professores incentivem à ida à biblioteca, a escola, assim, exercerá seus deveres quanto ao seu papel de fornecer a cultura da leitura, e assim formar cidadãos capazes de compreender melhor o contexto do mundo em que estão inseridos e de lidar com questões sociais, emocionais, afetivas e psicológicas.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.36):

Não se formam bons leitores oferecendo materiais empobrecidos, justamente no momento em que as crianças são iniciadas no mundo da escrita. As pessoas aprendem a gostar de ler quando, de alguma forma a qualidade de suas vidas melhora com a leitura.

Em boa parte dos casos o indivíduo não recebe apoio ou incentivo em casa para manter o hábito de ler, muitas vezes pela situação financeira da família não ser adequadamente suficiente para manter tal costume, outras vezes pelo círculo vicioso que passa de pai para filho, pois onde os pais não leem os filhos provavelmente não lerão também. Daí entra a escola, complementando essa brecha.

De acordo com Solé, 1998:

Muitos alunos talvez não tenham muitas oportunidades fora da escola, de familiarizar-se com a leitura; talvez não vejam muitos adultos lendo; talvez ninguém lhes leia livros com frequência. A escola não pode compensar as injustiças e as desigualdades sociais que nos assolam, mas pode fazer muito para evitar que sejam acirradas em seu interior. Ajudar os alunos a ler, a fazer com que se interessem pela leitura, é dotá-los de um instrumento de aculturação e de tomada de consciência cuja funcionalidade escapa dos limites da instituição. (p. 51)

É responsabilidade da escola, também, dispor de professores capacitados para ensinar e educar, usando de técnicas pedagógicas para o bom ensino da leitura. Esse professor deve estar previamente preparado para administrar o conteúdo, deve ter lido e meditado sobre as supostas dúvidas de seus alunos, para suprir e sanar os questionamentos dos mesmos.

O professor, dessa forma, estará pronto para administrar o seu conteúdo de acordo com a necessidade da classe, usando de métodos adequados para cada faixa etária. Portanto, o professor é o principal canal de sabedoria, aquele que ensina a forma correta do uso da língua e faz com que o educando passe a raciocinar sobre o que está sendo ensinado, a expor seus ideais e a agregar um pensamento crítico por meio da meditação pela leitura.

Para Vygotsky (*apud* FONTANA; CRUZ, 1997): “A escrita é maior do que um sistema de formas linguísticas com o qual o sujeito se confronta, esforçando-se por compreendê-lo. Ela é uma forma de linguagem, uma prática social de uma sociedade letrada”.

Além de alfabetizar, ensinando o aluno a formar sílabas, palavras e frases, o educador enfrenta o desafio de fazê-lo entender o significado do enunciado ali utilizado, estimulá-lo a formar opiniões sobre o conteúdo lido, além de, e o mais importante, fazê-

los raciocinar. O professor empenhado em traduzir a mensagem intrínseca ao objeto de leitura deve estar atento aos benefícios que isso trará para seus alunos, avaliando se será viável e se está de acordo com as condições de cognição dos mesmos. O objetivo central da utilização da leitura é fornecer a visão de mundo para o educando, inseri-lo na sociedade por meio da leitura. De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1998, p.149):

O envolvimento do aluno no processo de aprendizagem deve propiciar ao aluno encontrar sentido e funcionalidade naquilo que constitui o foco dos estudos em cada situação de sala de aula. De igual maneira, propiciar a observação e a interpretação dos aspectos da natureza, sociais e humanas, instigando a curiosidade para compreender as relações entre os fatores que podem intervir nos fenômenos e no desenvolvimento humano. As formas de ensinar e aprender são contextualizados e dessa forma permite ao aluno se relacionar com os aspectos presentes da vida pessoal, social e cultural, mobilizando as competências cognitivas e emocionais já adquiridas para novas possibilidades de reconstrução do conhecimento.

O papel da escola, mais do que formar leitores, é de formar leitores que contextualizem o objeto lido com a sua carga de conhecimento, leitores que raciocinam e que mantenham uma relação crítica e opinativa com o que está sendo lido, que buscam entender o conteúdo transmitido com o objeto de leitura. Ainda indicam os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL, 1999, p. 69)

[...] formar um leitor competente, supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto [...]

A escola tem um dever para com a os discentes, estimulando à leitura, ensinando-os, mas não apenas na forma gráfica, ou seja, o letramento da forma, mas a como se ler os fatos, as mensagens que estão implícitas no contexto, formando cidadãos conscientes do mundo ao seu redor, passando a mensagem que por meio da leitura pode-se conquistar conhecimento e crescimento intelectual, que através da mesma pode-se descobrir e redescobrir fatos que possam vir a ter várias formas de interpretação. A leitura abre um leque de oportunidades de crescimento, e a escola tem o compromisso de repassar esse conhecimento aos seus alunos, ensinando-os a compreenderem as ciências e o mundo em que vivem.

CAPITULO III- PROCEDIMENTO METODOLOGICO

METODOLOGIA DA PESQUISA

O estudo teve como principal objetivo proporcionar respostas ao problema proposto: de identificar como os professores lidam com os alunos que apresentam dificuldades da aprendizagem na leitura e na escrita.

O estudo pautou-se por uma abordagem qualitativa. Essa abordagem estuda o curso das interações e a elaboração, buscando assim reconstruir as estruturas do campo social e o significado latente das práticas. A abordagem qualitativa, que traz consigo, de maneira inevitável, a carga de valores, preferências, interesses e princípios que orientam o pesquisador. Segundo Bogdan e Bicklen (1982), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contato direto do pesquisador com a situação estudada, enfatiza mais o processo do que o produto e se preocupa em retratar a perspectivas dos participantes.

Ainda sobre a pesquisa qualitativa Lüdke (1986), aborda que a sua natureza se baseia no ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como seu principal

instrumento. Nesse sentido, esta abordagem proporciona um contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente escolar e a situação que está sendo investigada.

4.1 CENÁRIO DA PESQUISA

Esta pesquisa foi realizada no ambiente natural da sala de aula da Escola Municipal de Ensino Fundamental I José Hassem Hall Filho, situada no Município de Eitaciolândia Acre.

O estudo objetiva analisar as dificuldades na aquisição da leitura e da escrita dos alunos do 3º ano do Ensino Fundamental I da Escola José Hassem Hall Filho e qual o papel da família para superar essa dificuldade.

Sabemos que se faz necessário analisar como os professores lidam com os alunos que apresentam dificuldades da aprendizagem na leitura e na escrita. Para tanto, a escola e suas proposta para trabalhar em cima dessa dificuldade se faz necessário, pois é preciso traçar objetivos que leve a superação ou diminuição dessa problemática. Atividades relacionadas a leitura e escritas não serão suficientes se as mesmas não forem trabalhadas de maneira eficaz.

4.2 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A pesquisa realizou-se na escola Municipal José Hassem Hall Filho do município de Eitaciolândia- Acre. Os sujeitos participantes da pesquisa foram os 30 alunos do terceiro ano por meio das observações. A professora regente e a coordenadora pedagógica.

4.3 INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS

O método da entrevista se dar pelo encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional.

Para um melhor entendimento do estudo proposto, utilizou-se da entrevista, onde para Marconi & Lakatos, “a entrevista se dar pelo encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de um determinado assunto” (1999, p. 94).

Para tanto, o tipo de entrevista aqui estabelecida foi a não estruturada, pois a partir dela o entrevistado tem liberdade para desenvolver cada situação em qualquer direção que considere adequada.

4.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Os dados para enriquecimento do estudo foram coletados a partir de uma entrevista não estruturada, o que dar liberdade ao entrevistador formular, modificar e refazer suas perguntas conforme a necessidade. Para uma melhor forma de se descrever o estudo até aqui proposto, se fará necessário conhecer a participação da família dentro desse processo, para isso, será realizado um contato oral direto com a família dos alunos com dificuldade de aprendizagem de leitura e escrita do terceiro ano do ensino fundamental da Escola José Hassem Hall Filho.

As categorias escolhidas para organização, análise e discussão dos dados, foram:

Dificuldades de aprendizagem;

Dificuldades no processo de alfabetização;

Metodologia

Quando falamos em dificuldade de aprendizagem, a professora regente deixa claro “Na minha classe a maior dificuldade que tenho para alfabetizar é a grande quantidade de alunos, tendo em vista uma sala com 30 alunos de diferentes hipóteses e que infelizmente não adquiriram as competências necessárias para a turma a qual estão inseridos. Os alunos não possuem o mesmo nível de compreensão na escrita nem na leitura, então seu processo de aquisição trás um pouco de dificuldade”. Segundo a fala da professora regente, “os alunos que tem dislexia trás uma maior dificuldade, pois a criança não faz o reconhecimento das palavras, atuando somente em uma das vias ou mecanismo utilizados, causando dificuldade na leitura e na escrita”.

Mediante a fala da professora, Freire (2003, pág. 45), coloca que essas dificuldades de aprendizagem pode estar relacionada a alguns problemas que a criança possui. Primeiramente tem-se que questionar se de fato seu rendimento não satisfaz as

expectativas do professor. O aluno deverá passar por um diagnóstico médico. Esses casos englobam principalmente as chamadas disfunções cerebrais e, dentro dessas disfunções, tem-se a dificuldade de leitura e escrita.

Ao falarmos sobre como se dar o processo de alfabetização, a professora deixa claro que esse processo é muito difícil, quando existe uma grande quantidade de alunos em uma sala, alfabetizar se torna uma dificuldade, principalmente quando esses alunos são em sua maioria dispersos. A professora ainda chama a atenção para uma reflexão, pois quando esse processo de alfabetização se torna complicado por ser algo relacionado a realidade da vida familiar do aluno que não é bem desenvolvida e que infelizmente interfere no processo de ensino aprendizagem.

Para isso, Saviani (2000), coloca que algumas dificuldades e problemas de aprendizagem podem-se não estar na criança e sim em seu ambiente, como na família ou na própria escola. Algumas vezes a queixa do rendimento escolar não expressa uma deficiência da criança e sim uma inadequação das propostas educacionais, é preciso que se mude o enfoque quando uma criança não vai bem à escola, pois a justificativa é que se trata de um fracasso pessoal e individual que não corresponde à realidade, havendo outros culpados envolvidos.

Para tanto, quando questionada sobre a metodologia aplicada, a mesma coloca que: “gosto muito de trabalhar em grupo com meus alunos, pois eles se conhecem melhor e conseqüentemente tem um convívio bom, acredito que o agrupamento é algo positivo, pois um auxilia o outro, o que torna mais fácil o processo de aprendizagem”.

Todo professor têm sua metodologia voltada para um recurso de fixação, citado no referencial os estudos curriculares em geral e elaboração de currículo em particular, têm a responsabilidade específica de analisar significados das diferentes práticas educativas numa perspectiva histórica, que supõe encarar, os caminhos da elaboração curricular não como dirigidos em sentidos definidos, mas como uma trama de trajetória irregulares e inesperadas. Por isso, dentre os aspectos teóricos da investigação da história do currículo, dedica-se especial atenção aos que permitem compreender às distintas interpretações às condições e as transformações (históricas e atuais) nos currículos, ao invés de ocupar-se dos que consiste basicamente numa crônica ou crítica sofisticada da concepção científica dos currículos. (SAVIANI, 2000 pág. 57).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, as dificuldades de leitura e escrita no processo de alfabetização na turma do 3º ano, verificadas no decorrer da pesquisa, apresentam grandes problemas em crianças das camadas populares.

Com base no aporte teórico e projeto aplicado pudemos atestar a valorosa contribuição da leitura e da escrita no terceiro ano para a formação do leitor crítico, conquistando assim os objetivos almejados. A leitura é a fonte catalizadora do conhecimento e aprendizado, por isso deve ser estimulada desde cedo para que faça parte da formação cultural do indivíduo. Portanto, é necessário que o professor domine além dos níveis de aquisição da linguagem, as estratégias de leitura.

A formação desse leitor crítico se apresenta como um dos desafios da escola e para nós educadores. De fato, aprender a ler envolve diversos fatores e servirá de subsídio para a vida em sociedade. O indivíduo deve ser capaz de utilizar a leitura, de forma a compreender e representar o mundo, transformando-a em conhecimento, enriquecimento

e prazer. Por isso, a leitura deve ser vista como uma fonte inesgotável de sabedoria e não como uma simples decodificação de símbolos gráficos.

Sabemos que pais e educadores podem contribuir no resgate e criação do hábito de ler nessa era tecnológica, com pequenas atitudes fazendo delas um hábito. E uma das questões que podemos referenciar como exemplo é o reconhecimento e estímulo de práticas de leituras pelas crianças em seus contextos sociais e conseqüentemente a sua integração nas propostas de atividades de leitura realizadas pela escola de maneira sistematizada.

A escola, sem dúvida, é um dos espaços de inserção da criança no universo da leitura e o professor é a maior referência que a criança, tem na escola. Nesse sentido, é de suma importância que os olhares e ações dos educadores se voltem para aproximar a criança ao hábito da leitura e uma maneira de instigá-las é manter a rotina de leitura e solicitar os alunos que tragam seus próprios livros para a escola. A partir daí é só proporcionar atividades envolvendo espaços diversos de circulação de leituras vivenciadas pelas crianças e que não se restringem ao apenas ao âmbito escolar.

Construir junto aos alunos o hábito da leitura é a maneira mais eficaz de se trabalhar as dificuldades de aprendizagem, que atualmente relacionado a leitura tem sido bem desafiador.

Assim concluímos que as mudanças na escola acontecem quando são feitas em equipe. Deste modo, reestruturar o ensino da leitura e escrita para os alunos do terceiro ano, deve decorrer de uma construção coletiva e significativa para os educandos, professores e que extrapolam os muros escolares, sobretudo, no ambiente familiar. Dessa maneira, trabalhar o hábito da leitura em sala de aula com alunos do terceiro ano é estar em constante interação com a realidade e a fantasia.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICA

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental: Parâmetros Curriculares nacionais: Língua Portuguesa: primeiro e segundo ciclos / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3. Ed. – Brasília: A Secretaria, 1998.

_____. Secretaria de Educação Fundamental: Parâmetros curriculares nacionais. 2. Língua Portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: A Secretaria, 1997.

CAGLIARI, L.C. *Alfabetização e linguística*. 8 ed. São Paulo: Scipione, 2002.

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Alfabetização e Linguística*. 10. ed. São Paulo: Scipione, 1997.

COELHO, M. T; JOSÉ, E. A. *Problemas de aprendizagem*. 3 ed. São Paulo: Ática, 1991.

CORRÊA, Rosa M. *Dificuldades no aprender: um outro modo de olhar*. Campinas: Mercado de Letras, 2001.

FERREIRO, Emília e TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da Língua Escrita* Artmed Editora. Porto Alegre, 1999.

FERREIRO, Emilia: *Reflexões sobre alfabetização*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FERREIRO, E. *Alfabetização em Processo*. São Paulo: Cortez, 1986.

FONSECA, V.(1995) *.Introdução as dificuldades de aprendizagem*. Porto Alegre: Artes Médicas.

FREIRE, Paulo. *POLÍTICA E EDUCAÇÃO; ENSAIOS*. Cortez, 2003

FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam*. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

LUDKE, Menga. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura?* 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

MIRANDA, E. de R. P. *Nossos Filhos e seus problemas*. Belo Horizonte: Interlivros, 1990

MORAIS, António Manuel Pamplona. *Distúrbios da aprendizagem: uma abordagem psicopedagógica*. São Paulo. Edicon, 1997.

MORAIS, V. L. “Desenvolvimento Psicomotor”. 2002. Disponível em: <http://www.uniesc.com.br>.

NASPOLINE, Ana Tereza. *Didática de Português: Tijolo por Tijolo: Leitura e Produção Escrita*. São Paulo: FTD, 1996.

SAVIANI, Nereide. *SABER ESCOLAR, CURRÍCULO E DIDÁTICA: Problemas da unidade conteúdo/ método no processo pedagógico*/Campinas, 2000.

SMITH, C. *Dificuldades de aprendizagem de A a Z*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SOARES, Magda. *Alfabetização e letramento*. São Paulo: Contexto, 2005.

SOLÉ, Isabel. *Estratégias de leitura*. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998

_____. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOUZA, D. B. Globalização: a mão invisível do mercado mundializada nos bolsões da desigualdade social. *Boletim Técnico do SENAC*, Rio de Janeiro, v.22, n.2, p.3-12, maio/ago. 1996.

TAVARES, C.F. Curiosidade: uma aliada na aprendizagem. *Revista do professor*. Rio Pardo: CPOEC. N° 45.p. 31 – 32, jan./mar.1996.

VIYGOTSKI, L. S. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.

XIMENES, S. (2000). Minidicionário Ediouro da língua portuguesa. São Paulo: Ediouro.

ANEXOS

Quais as principais dificuldades de aprendizagem que você tem em sua classe? _____

_____ C
Como a criança pode ser estimulada para leitura e para a escrita?

Quais os recursos metodológicos que você utiliza em seu trabalho?

Quais as dificuldades que você tem no processo de alfabetização?

Quais as principais dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita?

PESPECTIVA PROFISSIONAL

A necessidade de educadores é grande em nosso país. Nossa população é predominantemente jovem e a instituição escolar vai precisar cada vez mais de professores e com boa formação.

A partir da década de 90 do século passado o governo federal liberou a abertura de inúmeros cursos de nível superior e entre eles os cursos de pedagogia é um dos que lideraram o número de vagas abertas. Em outros termos, há um grande campo de trabalho – necessidade social de educadores – mas o mercado de trabalho – vagas disponíveis e valorização salarial – não cresceu na mesma proporção. Isto significa que atualmente o campo de trabalho é amplo (tipos de trabalho que atendam as necessidades sociais), mas o mercado apresenta dificuldades em função do número de pessoas que desejam ingressar nele.

Diante disso, é necessário que o profissional busque capacitação de excelência durante e após a graduação para conquistar melhores posições no mercado e remuneração. Para cada função, o mercado exige experiência e qualificações que vão além da formação básica que a graduação oferece, conhecimentos e habilidades desenvolvidos pela realização de estágios, pela prática profissional e cursos de extensão/pós-graduação.

Enquanto acadêmica do curso de Pedagogia além de atuar como professor na busco refletir sobre o universo da atuação pedagógica assim como suas perspectivas para o futuro.

Como um sujeito que observa as interações sociais, assim também o faço no tocante a interação profissional relacionada à pedagogia, tal observação acaba por influenciar no modo em que percebo o fazer pedagógico.

Frequentemente ouço dos colegas de profissão, queixas de diversas naturezas, algumas delas dizem respeito ao retorno financeiro decorrente do seu trabalho; a falta de apoio pedagógico, além da indisciplina dos alunos.

Acredito que tais queixas são totalmente compreensíveis, mas quando observamos mais apuradamente, percebemos que um número significativo desses profissionais não acompanha o avanço para uma atuação qualificada. Além disso, não se envolvem em capacitações formativas na área da Educação, mesmo quando oferecidas gratuitamente pelas instituições de ensino. Se analisado o currículo profissional dessa parcela de professores detecta-se a ausência de formação continuada que embasa e dá suporte no cotidiano da educação, outro fato percebido é a resistência do professorado à utilização das novas tecnologias no auxílio às atividades no contexto escolar.

Dentro do âmbito educacional assim como em tantos outros e na vida privada das pessoas, as tecnologias assumiram um papel imperioso no auxílio às atividades desenvolvidas. No que diz respeito ao uso do computador como ferramenta auxiliadora/facilitadora nesse processo, é evidente a falta de preparo para manipulá-lo, seja para fins de pesquisa ou até mesmo usando ferramentas como editores de texto, imagens e gráficos, ferramentas que considero nos dias atuais indispensáveis como suporte pedagógico. Além do despreparo referido, alia-se o medo e preconceito a aceitar a inclusão de tal ferramenta em seu fazer profissional.

Diante de todas essas observações e constatações, considero que antes de cobrarmos dos órgãos competentes um melhor reconhecimento profissional e financeiro é preciso que antes ocorra uma mudança de postura no tocante ao aprimoramento profissional. Quando estamos em constante aprimoramento, teremos maior segurança no desenvolvimento das atividades e conseqüentemente questões como indisciplina de alunos (citada como queixa), serão melhor compreendidas e trabalhadas.

Por fim, só consigo enxergar um cenário promissor no futuro da profissão pedagógica, se respaldarmos nossa atuação de forma qualificada, seguindo a evolução das informações, tecnologias e mercado de trabalho.